

AFROZIN




INSTITUTO
FEDERAL
FLUMINENSE
Campus Macaé

PROJETO



Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

AFRO INDI

Instituto Federal Fluminense *campus* Macaé

AFROINDI é uma publicação especial do projeto de extensão IFANZINE em parceria com o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas).

Macaé, Outubro de 2014

Coorientação:

Alberto de Souza (Direção de Arte)
Ubirajara Santiago (Redação)

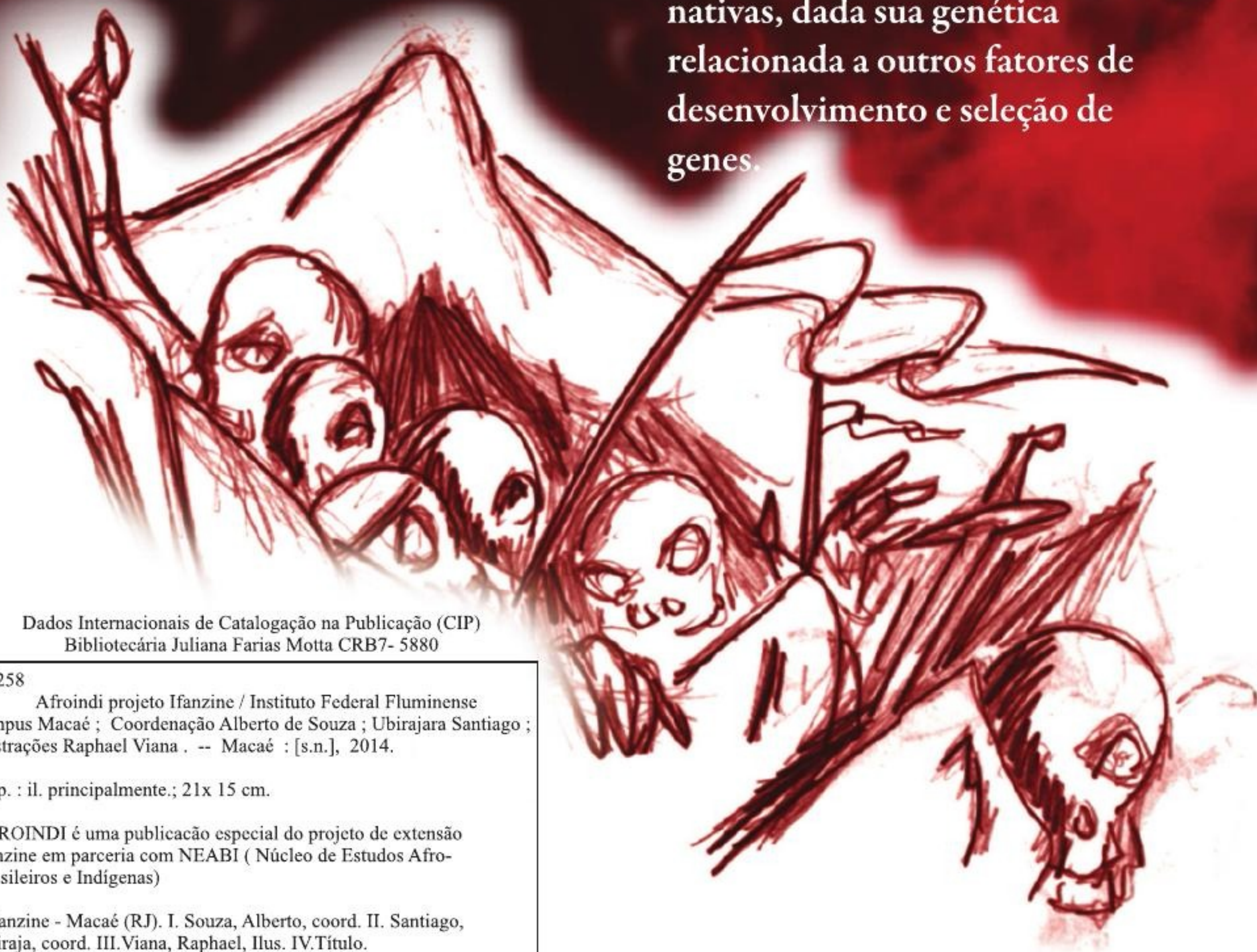
Ilustrações e Quadrinhos:

Raphael Viana (Ilustrações e HQ)
Bruna Lage (Capa e HQ)

Participação:

Juliana Barreto da Silva

Ao falar dos povos indígenas e africanos é sempre importante lembrar que se trata de uma diversidade muito grande de formas de vida e de relação com a natureza. Os estudos estimam que a população indígena à época do “descobrimento” contava 100 milhões de pessoas. Era, portanto, maior que a europeia no mesmo período. No processo de conquista e domínio do colonizador, precederam-lhe as moléstias que dizimaram as populações nativas, dada sua genética relacionada a outros fatores de desenvolvimento e seleção de genes.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

A258

Afroindi projeto Ifanzine / Instituto Federal Fluminense campus Macaé ; Coordenação Alberto de Souza ; Ubirajara Santiago ; Ilustrações Raphael Viana . -- Macaé : [s.n.], 2014.

12 p. : il. principalmente.; 21x 15 cm.

AFROINDI é uma publicação especial do projeto de extensão Ifanzine em parceria com NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas)

1.Fanzine - Macaé (RJ). I. Souza, Alberto, coord. II. Santiago, Ubiraja, coord. III.Viana, Raphael, Ilus. IV.Título.

CDD 070

Índice para catálogo sistemático:

I. Fanzine - Macaé (RJ)

Os Povos Indígenas E Africanos no Brasil

Durante muito tempo, as populações indígenas e africanas foram não somente escravizadas, mas sua humanidade foi negada. Foram vistas sob o signo da privação: em suas formas políticas, linguísticas, religiosas, rituais e artísticas, o que se explica tanto pela violência do processo quanto pela maior circulação da história dos vencedores. No Brasil, em especial, a constituição de 1988, que sucedeu a um período de opressão da população brasileira - a ditadura militar - trouxe nova perspectiva para as populações indígenas e afrodescendentes, ainda que, com frequência, seus direitos sejam violados pelos poderes constituídos e pelo governo de turno. A visão geral e mais arraigada nega aos indígenas sua capacidade de autodeterminação, como se a discussão passasse sempre pelo Estado e sua suposta capacidade de decidir legitimamente sobre qual ilhota de terra deve circunscrever povos que viviam com intensa

mobilidade pelas florestas. Tudo gira, destarte, sobre o valor do pedaço de terra, o que se produz sobre, o que se extrai das entranhas da terra e o desenvolvimento alardeado. Parece que o modelo ocidental de (des)envolvimento está dando mostras de que a Terra não é um apêndice das sociedades humanas, mas que é antes condição de toda cultura e sociedade. Vivemos em um mesmo sócioambiente, conectados a outras espécies que o modo de vida ocidental coloca em risco: estima-se que em 40 anos os peixes, considerado o ritmo atual de produção, irão acabar. Difícil imaginar isso... com as técnicas usadas pelos indígenas.

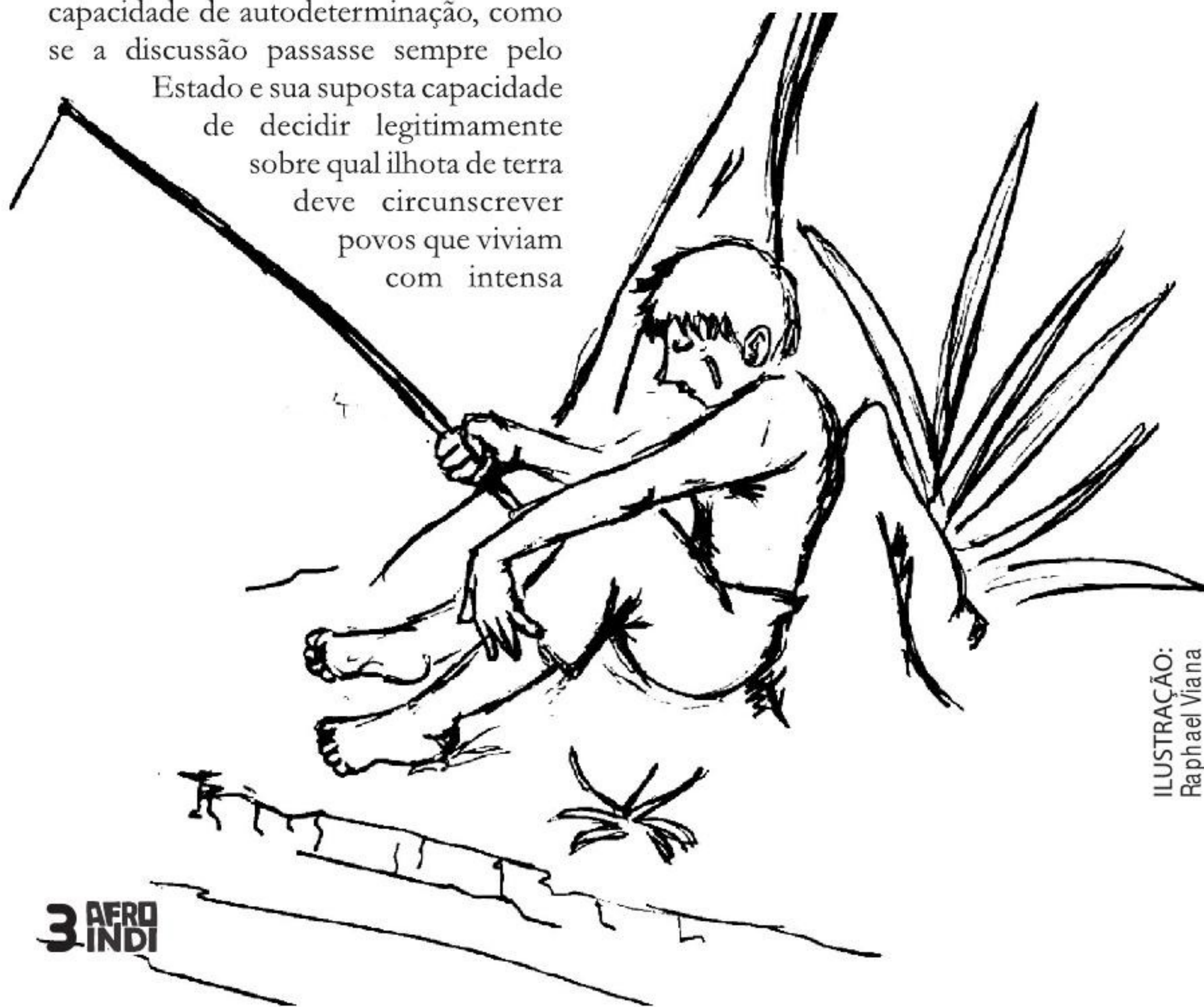


ILUSTRAÇÃO:
Raphael Viana

Iaiá Cabôca



ILUSTRAÇÃO:
Raphael Viana

**Minha vó caboca vem
aqui me abençoar**

**Minha vó caboca vem aqui
me abençoar**

**vem abrir esse terreiro que
hora de eu trabalhar**

**vem abrir esse terreiro que
hora de eu trabalhar**

**vem abrir esse terreiro que
hora de eu trabalhar!**

Poema de autoria do povo Xacriabá

NOTA: A onça aparece extensamente nas Américas, nas mitologias e narrativas dos povos indígenas e africanos. Entre os índios Xacriabá, que vivem no norte de Minas Gerais, quase na fronteira com a Bahia, a onça Iaiá Cabôca é sagrada, protetora e aliada, tal como na canção ritual acima. Os Xacriabá vivenciam, constantemente, conflitos com fazendeiros da região, pela questão das terras.

Meu tio o jaguarê

Arte: Raphael Viana

Sim, falei do tio.

E o cunheci, tava no meio do nada, sim senhor.

Era um jaguar de verdade, ói: tá pono a mão no chão ói.

Mas fui lá pra matá!

Pois vô lhe contá...

eu vim aqui pra matá as onça tudo. E aí, que eu fiquei sozim.

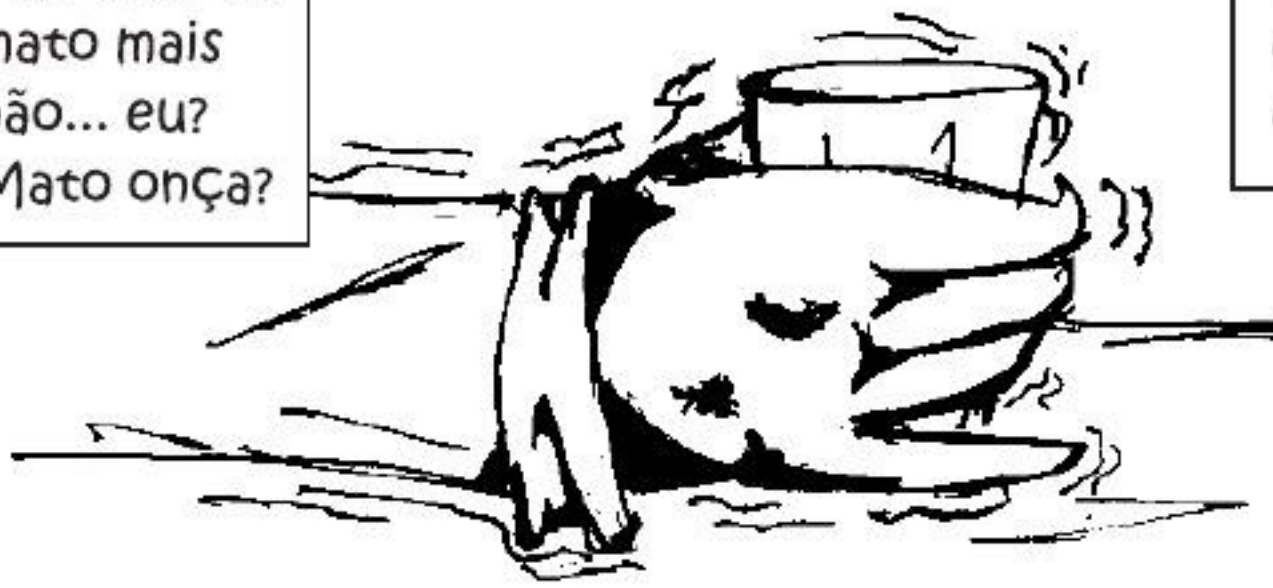
Quem me mandô, foi o Coronel Rodrigues, mas não devia de, porque onça é meu parente...

Quando foi um dia eu vi, ói: o senhor acredita? Eu tava sozim de tudo. E me embrenhei por mundo das onça.... ixé, apeú, tatu, cobra, pereba, eu via dentro do escuro: a escuridão do mundo das onça.

Foi aí que olhei pra ela, a primeira que eu num matei... Era Maria-Maria, mais bonita não tem.

Mas hoje eu mato mais não... eu? Mato onça?

O sinhô pode me dá mais um gole dessa cachaça?



TUNK

Se eu sei das onça?

Eu cá sei?

Eu mato onça não!!! O senhor tem juízo?



Tem medo não?



Oi: Onça é meu parente oi: !!!...

Nota: Esta narrativa é inspirada no conto "Meu tio o iauretê" de Guimarães Rosa. O conto tematiza a violência do processo de colonização e a extinção de culturas indígenas e africanas no Brasil. Além disso, apresenta a questão das diferentes formas de relação com a natureza, tópico importante para se compreender os povos indígenas e africanos e suas distintas formas de vida.



Lição tupi

Casa que anda
Amazonita, minha pedra
Opaca, onde está o teu verde
prometido às várias gerações?
Casa que anda
paraíso imperdível
ainda que a democracia-marcha
e seus tambores cegos para a música abanheenga
duro diamante: nheengatã!
que atravessas a noite dos tempos
os homens passam
voz que, dos trovões nascentes
vaza as caudais de Y, a grande água...
até que Çy, a mãe fonte
mostra-te: Amazonita
além do ruflar das máquinas burocráticas
que insistem, sabe-se lá como, em existir
quando existir
é tua voz
é tua barbatana-peixes-verdadeiros
leve-nos contigo
a beber água até a pira
cema (saída) do peixe.
Sejais
como o lado indomável de teu ser
imperscrutável e incrivelmente belo
Amazonita.

Adino Doím



ILUSTRAÇÃO:
Raphael Viana



Quero mesmo é saber o que vamos dizer pro muleque
Que vai tá no calor, suando cheio de estresse
Sem poder usufruir do que a natureza oferece
Pois a humanidade dela tá fazendo uma omelete

Contaminam as águas, contaminam o ar...
Contaminam as idéias pro cidadão não pensar
É dinheiro pra lá, e produto pra cá
Alta rotatividade pra não parar de lucrar

Te querem aqui, mas te põem acolá
Sempre arrumando um jeito da vida controlar
Eu digo dane-se! E digo mesmo, sem ironia
Não temendo ser julgado por sociedade ou família

Pois sei que vermes fazem muito mais que isso contra nós
E conheci um jeito de combater a esse algoz
Fazendo poesia expressando essa agonia
Percebi que assim consciência despertaria

E falo mais
Tenho muito ainda pra falar
Não tenho pressa
O "natural" disse, deixa rolar
Cada coisa no seu tempo
Cada qual no seu lugar
Não adianta forçar
Porque não vai funcionar

AUTOR: Rodrigo Santana

FALANDO AQUI DA BABILÔNIA
MAIS UM TUPINIQUIM
PERDIDO NESSA SELVA,
ME ACHANDO DENTRO DE MIM
COLHENDO SEIVA DAS RAÍZES
PRA NUTRIR ESSE JARDIM
NA INTENSA JORNADA,
ACOMPANHAM QUERUBINS

ILUSTRAÇÃO:
Raphael Viana

ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

(...) “Alguns anos atrás, quando eu vi o quanto a ciência dos brancos estava desenvolvida, com seus aviões, máquinas, computadores, mísseis, eu fiquei um pouco assustado. Eu comecei a duvidar da tradição do meu povo, que a memória ancestral do meu povo, pudesse subsistir num mundo dominado pela tecnologia pesada, concreta. E que talvez a gente fosse um povo como a folha que cai. E que nossa cultura, os nossos valores, fossem muito frágeis para subsistirem num mundo preciso, prático: onde os homens organizam seu poder e submetem a natureza, derrubam montanhas. Onde um homem olha uma montanha e calcula quantos milhões de toneladas de cassiterita, bauxita, ouro ali pode ter. Enquanto meu pai, meu avô, meus primos, olham aquela montanha e veem o humor da montanha e veem se ela está triste, feliz ou ameaçadora, e fazem cerimônia para a montanha, cantam para ela, cantam para o rio... mas o cientista olha o rio e calcula quantos megawatts ele vai produzir construindo uma hidrelétrica, uma barragem”. (...)

Fonte: Trecho de texto elaborado a partir de exposição oral por Ailton Krenak, intelectual e líder político indígena, da etnia Krenak, que habita o estado de MG. Foi publicado na íntegra no livro “Tempo e História” da Companhia das Letras.

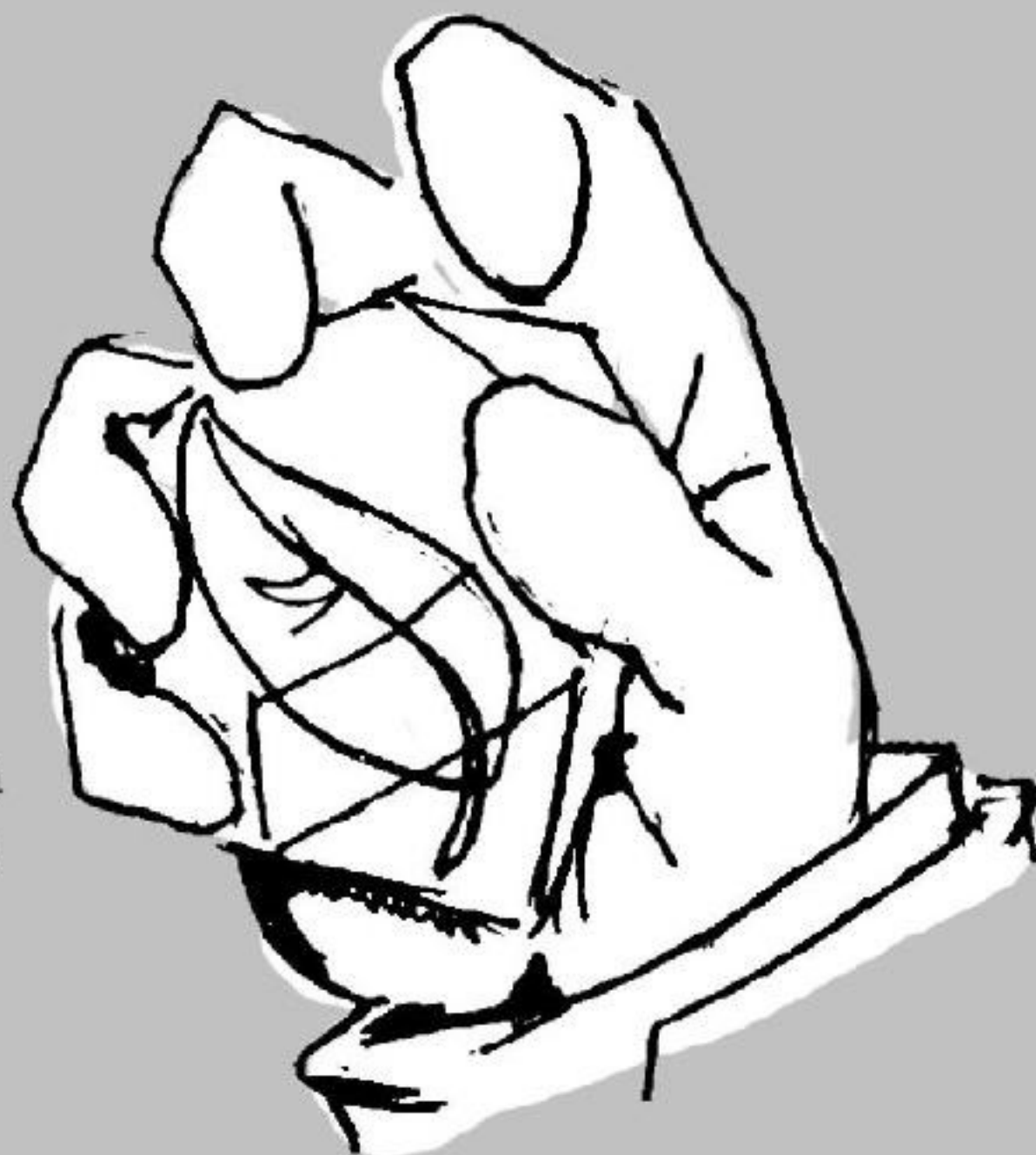
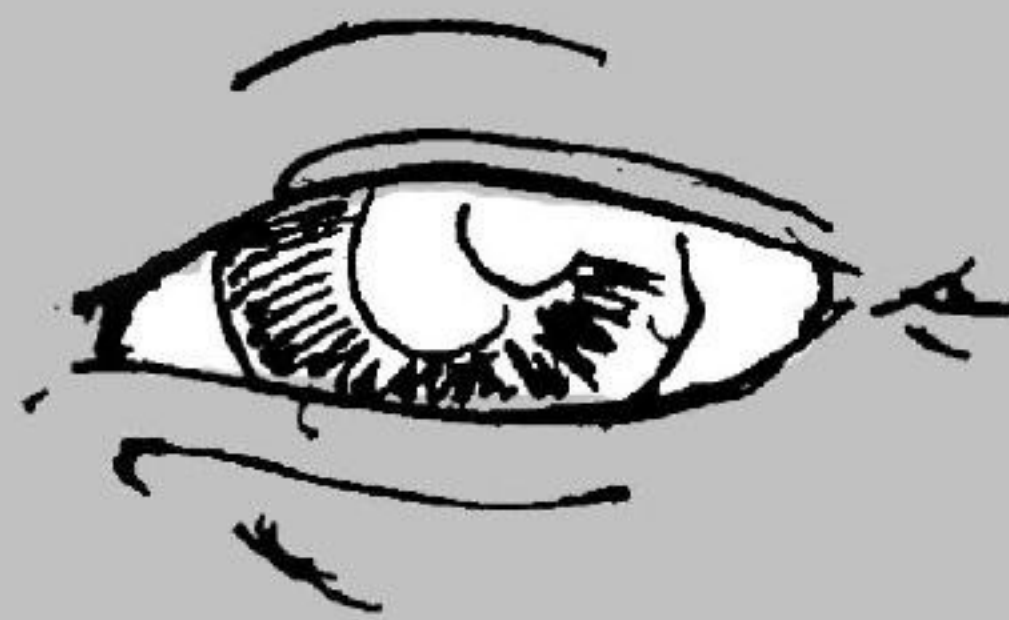


ILUSTRAÇÃO:
Raphael Viana

CARUKANGO, O ZUMBI MACAENSE



Poucas pessoas sabem, mas Macaé foi lugar de um dos maiores quilombos da história brasileira. Resistiu por quase duas décadas. De nome Carukango, por causa de seu líder homônimo, um escravo moçambicano considerado rebelde. Na verdade, um valente incorformado com a escravidão, que fugiu de uma fazenda em Córrego do Ouro, tendo levado consigo vários escravos. Refugiaram-se entre os municípios de Macaé e Conceição de Macabú, na atual Serra da Pedra Branca. Ali cresceu o quilombo, que atraiu escravos de diversas fazendas da região. Se é lenda ou história ninguém sabe ao certo, mas conta-se que no dia que a milícia invadiu o quilombo, nos idos de 1831, Carukango vestia um manto e ostentava um crucifixo no peito, quando sacou da arma e feriu de morte o filho de seu antigo dono. Em seguida, foi preso, torturado, morto e esquartejado. Carukango é um líder espiritual e político da resistência negra! Viva Carukango! Viva Zumbi! Viva os milhares de guerreiros afro-brasileiros!

Prof. Juliana Barreto

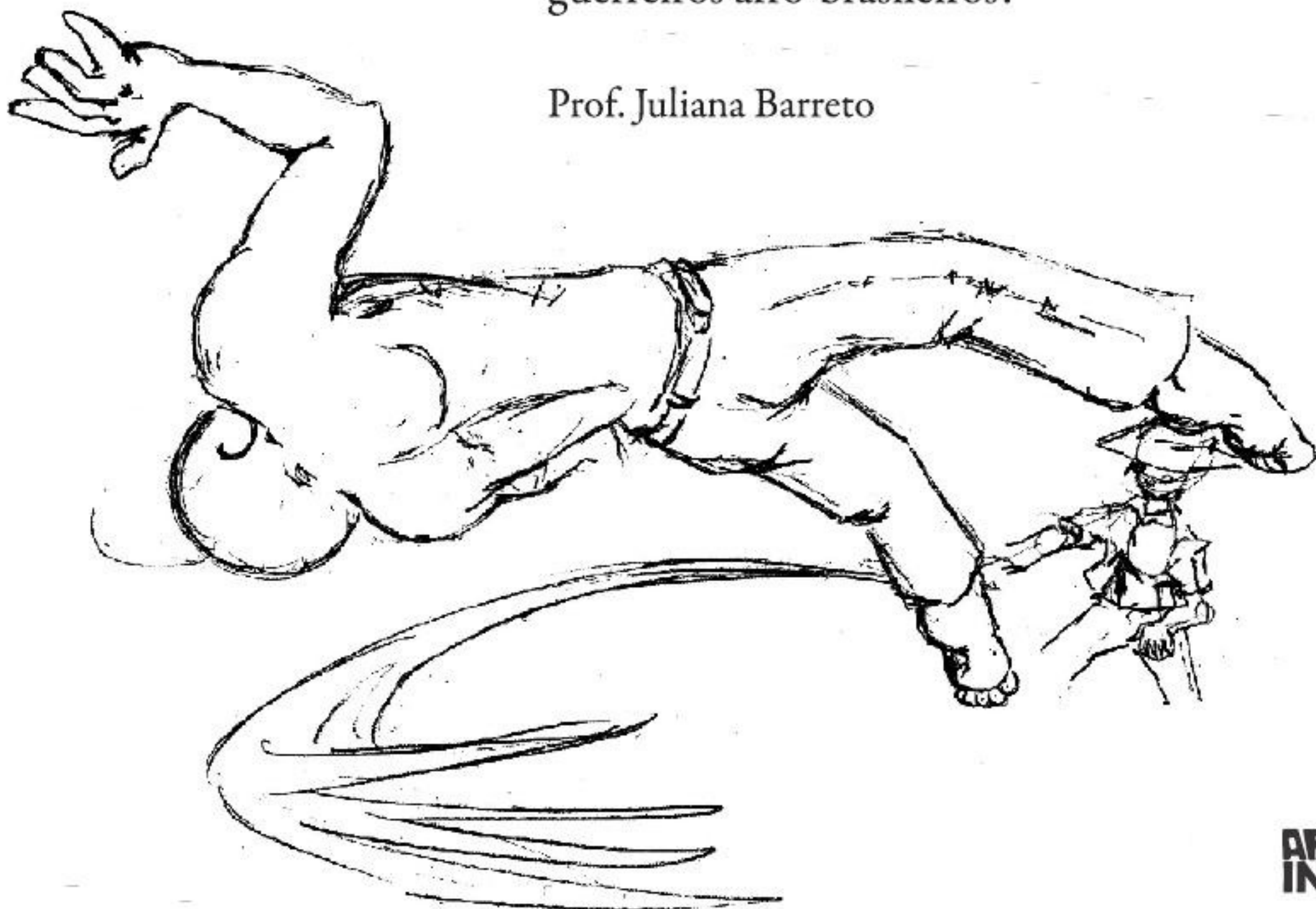


ILUSTRAÇÃO:
Raphael Viana



NOTA: O bodoque é uma prática corporal presente em algumas culturas indígenas. Sua razão de ser se associa ao modo como tais culturas ornamentam o corpo e seu significado só pode ser, realmente, acessado, se o considerarmos a partir dos significados que a cultura em questão lhe atribui. A produção social do corpo, por sua vez, é um fenômeno presente em todas as sociedades.

AFRO INDI



Esta edição especial da revista PEIBÊ contou com a colaboração dos projetos de Extensão IFanzine, Mangá na Escola e o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas. O Fanzine como suporte desta discussão se mostra particularmente produtivo, pois permite o uso de várias formas de linguagem e construção da autoria, em diálogo com o conhecimento dos participantes e suas habilidades. Além disso, o Fanzine permite o entrelaçamento da experiência individual à criação coletiva, numa perspectiva dialógica e intercultural. O Mangá, por sua vez, apreciado pelos jovens na contemporaneidade, constitui-se em abertura fundamental para o vasto mundo da imagética indígena e africana, já que a arte pictórica sempre atravessou práticas e culturas.

Nossa ideia foi apresentar algumas questões relacionadas às matrizes africanas e indígenas na formação da sociedade brasileira. Esperamos ter mobilizado cenas importantes e especialmente sensíveis acerca dos povos e espécies que habitam o mundo, em toda sua variedade plástica e cultural. Afinal, nossa história é construída num sócioambiente que comporta múltiplas formas objetivas e racionais de conferir sentido às relações entre os entes da natureza. A riqueza do estudo das opções e alternativas criadas pelos vários povos do mundo é inestimável. O risco da perda de alternativas de vida, de perspectivas culturais portadoras de sentido político e estético está sempre presente. Neste sentido, aliás, os povos indígenas e africanos não carecem de lições ocidentais. Os povos do ocidente inventaram a parafernália dos direitos humanos porque jamais reconheceram as outras espécies como parte de uma mesma socialidade cósmica.